

Le portugais a connu, avec la colonisation du Brésil notamment, une expansion importante, qui fait qu'il peut être considéré comme une langue qui a, dans une certaine mesure, un statut international ; il était donc logique de consacrer à la variante du portugais parlée au Brésil un développement à part entière, ce que fait Jan Hricsina à la fin de l'ouvrage. Parmi les grands traits communs au portugais du Brésil, on note la prononciation non palatalisée des implosives /s/ et /z/ (*vista* /vista/, *mesmo* /mezmu/), contrairement à ce qui a lieu en portugais européen (où l'on prononce /viʃta/ et /mezmu/), l'utilisation du tour périphrastique *está fazendo*, avec le gérondif, au lieu de *está a fazer*, l'utilisation du verbe *ter* dans un sens existentiel (*Na sala, tem duas cadeiras* au lieu de *Há duas cadeiras*), etc. L'auteur mentionne également des exceptions intéressantes, par exemple celle de la prononciation palatalisée de /s/ et /z/ implosifs à Rio de Janeiro, c'est-à-dire comme en portugais européen, peut-être due à l'influence de la cour portugaise en exil à Rio de Janeiro suite à l'invasion napoléonienne ; la cour utilisait en effet une prononciation considérée comme prestigieuse et que l'on aurait cherché à imiter.

On voit finalement, tout au long de l'ouvrage, la singularité du portugais par rapport aux autres langues romanes : présence des nasales (que l'on retrouve toutefois en français), faiblesse phonétique des consonnes qu'Antoine Meillet soulignait dans un compte rendu du *Compêndio de gramática histórica portuguesa* de J. J. Nunes, paradigme verbo-temporel très riche (par exemple par rapport au français où les subjunctifs de l'imparfait et du plus-que-parfait ont disparu et où le passé simple a été remplacé par le passé composé), etc. – à quoi il faut ajouter un certain nombre de phénomènes affectifs que Leo Spitzer avait bien relevés, comme le « langage-écho », l'utilisation abondante du diminutif, l'infinitif personnel, etc., qui sont là encore, pris dans leur ensemble, typiques du portugais.

Jan Hricsina a en tout cas écrit un livre très complet, qui permet d'avoir une vision à la fois large et détaillée de l'évolution de la langue portugaise dont il fait apparaître les caractéristiques pour chacune de ses grandes phases, d'un point de vue diachronique auquel vient se joindre, plus ponctuellement, une perspective diatopique. L'ouvrage représente une contribution d'une grande qualité aux études lusophones et romanes.

Samuel Bidaud  
(Université Palacký d'Olomouc)

**RODRIGUES-MOURA, Enrique - WIESER, Doris (org.) (2015), *Identities em Movimento. Construções identitárias na África da língua portuguesa e seus reflexos no Brasil e em Portugal*, Frankfurt am Main: TFM, Biblioteca Luso-Brasileira 28, 301 p.**

Ambos os organizadores deste volume são acadêmicos experientes no campo dos estudos lusófonos, atuando em universidades alemãs. Enrique Rodrigues-Moura trabalha na Universidade de Bamberg e tem se especializado em literaturas e culturas de expressão castelhana e portuguesa dos séculos XVI e XVII, entre outros assuntos. Doris Wieser doutorou-se na Universidade de Göttingen e, após concluir

o pós-doutorado com bolsa da Fundação Alexander von Humboldt na Universidade de Lisboa, atualmente é membro do Centro de Estudos Comparatistas da mesma instituição. Sob a coordenação desses dois estudiosos, junto a autores de Portugal, África (Angola, Moçambique), Alemanha e Brasil, chegou-se à publicação deste volume que integra não só estudos literários, como, também, estudos sociais e internacionais, culturais e de história.

Este projeto interdisciplinar recebeu apoio da CPLP e foi publicado na Alemanha, sendo considerado, também, como multicultural e ao mesmo tempo como um projeto lusófono, cujo objetivo é uma nova e mais profunda visão da questão da identidade cultural da África de língua portuguesa e a sua comparação com o desenvolvimento da África anglo-saxónica e francófona. Ao mesmo tempo, aproxima-se dos diálogos luso-africanos, afro-brasileiros e afro-portugueses.

Seguem à introdução, quatro partes com temáticas variadas. O volume se encerra com uma entrevista e uma lista dos autores. A introdução (p. 9-14), de autoria dos dois organizadores do livro, nos introduz na relação das culturas africanas de expressão portuguesa com a antiga metrópole e com a sua literatura, porque, como o texto constata, a «produção literária em português na África [...] nunca deixou de crescer de forma constante» e «as culturas africanas de língua portuguesa mantêm um permanente diálogo com Portugal» (p. 9). Mas isso não significa que o desenvolvimento da identidade nacional e da literatura dos países africanos de expressão portuguesa decorra de uma forma simples. Uma das questões fundamentais diz respeito a «onde termina a literatura portuguesa “sobre” a África e a partir de quando é que se pode falar de uma literatura ou cultura angolana, moçambicana, cabo-verdeana, etc.» (p. 9). Para responder a essas interrogações, podem nos servir como «guias» os conceitos teóricos de Antonio Candido, Benedict Anderson, Jan e Aleida Assman ou Patrick Chabal, porém, muitas questões continuam ainda sem respostas definitivas – como é normal em ciências humanas –, e já na introdução, ambos os organizadores nos revelam a ambição do volume: «contribuir [...] para o debate destas questões, necessariamente sempre inconclusas, ao discutir uma série de obras literárias das fases históricas de Resistência, Afirmação e/ou Consolidação» (p. 10).

Cada parte do volume corresponde a uma secção temática (p.17-269), e o livro encerra uma entrevista (p. 273-294). A primeira secção, intitulada «Visões Gerais» (p. 17-92), contém três capítulos e mapeia todo o espaço lusófono contemporâneo como um espaço cultural com as suas próprias questões, direcionadas tanto para dentro quanto para fora do seu âmbito. A escritora e socióloga Aida Gomes trabalhou na ONU, até 2015, desempenhando várias funções, e atuou em numerosos países africanos. No seu artigo «Por uma literatura sem muros. Um depoimento» (p. 17-43) apresenta um olhar penetrante sobre as literaturas da África de língua portuguesa a partir de várias perspectivas: 1) dentro do contexto das literaturas africanas; 2) no âmbito da Lusofonia; 3) nas relações entre a literatura e a política na África; 4) no poder do cânone ocidental, etc. O moçambicano Eduardo Felisberto Buanaissa é professor de filosofia com ricas experiências no Brasil e na Alemanha, cujo capítulo «Repensando a Lusofonia: uma leitura a partir de África» (p. 45-66) dedica-se

à contribuição africana à ideia original, formação e re formação da Lusofonia. Partindo de sua própria pesquisa realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Brasil) e de conversas com o filósofo moçambicano Severino Ngoenha, Buanaissa defende a Lusofonia e presta atenção ao papel da CPLP e da cultura africana na construção da Brasilidade. O primeiro capítulo é encerrado pelo organizador, Enrique Rodrigues-Moura, que, no capítulo «Lusofonia em movimento: línguas, culturas, nações» (p. 67-92), centra a sua atenção nos aspectos mais problemáticos do conceito de Lusofonia. Os problemas são patentes tanto na implementação teórica deste conceito quanto na sua implementação histórica, cujo ator principal sempre foi Portugal. Rodrigues-Moura observa com precisão várias contradições desse conceito.

A segunda secção intitulada «Identidades luso-africanas» (p. 93-138) nos introduz no campo das literaturas e movimentos identitários da África de língua portuguesa. No primeiro capítulo, de autoria de Orquídea Ribeiro (Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro), intitulado «Na fronteira da sombra: personagens femininas em textos de Mia Couto» (p. 95-107), a autora chama a atenção para as figuras femininas nos romances do autor moçambicano e, ao mesmo tempo, com base em várias obras teóricas, chega à conclusão de que as figuras femininas nas obras do autor correspondem à realidade dos países africanos. No segundo capítulo, «Visões da realidade em José Eduardo Agualusa e Mia Couto» (p. 109-120), Fernando Alberto Torres Moreira (Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro) foca a sua atenção nesses dois autores contemporâneos africanos – o angolano José Eduardo Agualusa e o moçambicano Mia Couto – e, ao mesmo tempo, nas questões identitárias de Moçambique e de Angola da pós-independência e da pós-guerra. O autor investiga como esses dois escritores contribuem para a construção das identidades nacionais dos seus respectivos países.

O capítulo intitulado «Entre Prato e Panos: narrativas transnacionais do Oceano Índico em *Neighbours* de Lília Moplé e *O pano encantado* de João Paulo Borges Coelho» (p. 121-138), de autoria de Jessica Falconi (Universidade de Lisboa), analisa-se a identidade a partir das representações do Oceano Índico em obras literárias moçambicanas. A característica culturalmente híbrida e heterogênea do espaço inter-regional do Oceano Índico é justamente o tema sobre o qual a autora reflete e o qual explora no seu ensaio. De forma especial, chama a atenção para as relações culturais e identitárias entre Moçambique e as várias regiões do Oceano Índico.

A terceira secção temática intitulada «Diálogos afro-brasileiros» (p. 139-206) reúne ensaios que reflexionam sobre os processos identitários no espaço do Atlântico do sul, i.e., entre a África e o Brasil. No primeiro capítulo dessa secção, «Sempre em viagem: nações deslizantes como formas do pensamento no romance *Nação crioula* de José Eduardo Agualusa» (p. 141-172), Kian-Harald Karimi desenvolve o seu pensamento a partir do citado romance *Nação crioula*, do conhecido escritor angolano. Trata-se de um título especialmente significativo, toda vez que é o nome do conhecido barco escravagista, nome metafórico que exprime a transferência de significados e de valores do mundo europeu para o mundo brasileiro ou africano e – como o autor do capítulo diz – permite abrir o debate sobre questões de brasilidade, de

crioulidade ou sobre o próprio conceito de nação. No capítulo «Brasil e Cabo Verde: afinidades identitárias» (p. 173-187), Maria do Carmo Cardoso Mendes (Universidade do Minho) nos introduz em outro diálogo afro-brasileiro, mas dessa vez centrado em Cabo Verde ou, melhor dito, na questão identitária da literatura cabo-verdiana. Mais especificamente, a autora centra-se na revista *Claridade* (1936), que, sob inspiração brasileira, introduziu e promoveu o conceito de cabo-verdianidade e as influências do regionalismo brasileiro (nordestino) em Cabo Verde. A autora compara a produção dos principais escritores desta vertente da literatura cabo-verdiana (Baltasar Lopes da Silva e Manuel Lopes) e compara as suas obras com a dos escritores brasileiros-nordestinos (Jorge Amado, José Lins do Rego e Graciliano Ramos), com o intuito de demonstrar a existência de vários tópicos paralelos. Analisando os fenómenos acima mencionados, a autora chega à conclusão de que o modelo cultural brasileiro constituiu «uma alternativa a uma influência – a colonizadora – na qual os escritores que construíram os alicerces da literatura cabo-verdiana não se viram projetados» (p. 186). No último capítulo da terceira secção, intitulado «Uma África de africanidade variável: afliências e divergências a respeito do imaginário cultural africano e afro-brasileiro na ficção de Alberto Mussa» (p. 189-206), Alva Martínez Teixeira (Universidade de Lisboa) introduz as questões identitárias africanas relacionadas com a literatura brasileira contemporânea. Para a autora, «a história de uma ancestralidade africana que, culturalmente, reivindique a visibilidade das suas raízes, continua a ter uma presença episódica [...]» (p. 190). Esta autora nos introduz um autor, Alberto Mussa, que representa «um olhar singular e renovador a respeito do imaginário africano e os seus processos históricos de hibridização cultural no Brasil» (p. 191), pois ele nos oferece «uma visão questionadora e problematizadora em relação às transfusões e diálogos culturais entre a África e o Brasil, assim como dos conceitos de identidade e de alteridade nas suas relações culturais passadas e presentes» (p. 191).

A quarta secção, intitulada «Diálogos afro-portugueses» (p. 207-269), dedica-se às relações identitárias entre as ex-colónias africanas e a metrópole europeia. A secção inicia-se com o capítulo «De ombro na ombreira. Política e formação poética em Portugal e Moçambique: Alexandre O'Neill e Rui Knopfli» (p. 209-224), de Mauricio Sales Vasconcelos (Universidade de São Paulo), que nos introduz na poesia portuguesa e moçambicana do século XX, no contexto do salazarismo, enquanto cria um diálogo entre a obra de O'Neill e Knopfli, expondo, assim, as contradições do colonialismo português na África. O capítulo seguinte, «*Raízes do ódio* de Guilherme de Melo: uma "nova África"?» (p. 225-237), de Tobias Brandenberger (Universidade de Göttingen), discute a obra e a atuação do escritor moçambicano Guilherme de Melo, que «raramente surge em monografias ou artigos de referência dedicados às culturas da lusofonia africana» (p. 225) e cujo livro *Raízes de ódio* é qualificado como «um livro provocador [...] [,] que no momento de sua primeira publicação causou uma reação imediata por parte dos organismos de controlo do Estado Novo» (p. 226). A ambição de Brandenberger é examiná-lo «quanto aos diagnósticos que, desde uma posição especial, oferece a propósito das construções identitárias no Moçambique colonial»

e procurar «dar um impulso para uma reflexão sobre a situação [...] de autores que não encaixam nos esquemas majoritários em constelações do *nation-building*» (p. 226-227). O capítulo de Isabel Azevedo (Universidade de Graz) leva por título «A palavra dos “retornados” nas entrelinhas da descolonização: *O retorno*, de Dulce Maria Cardoso, e *Os retornados – Um amor nunca se esquece*, de Júlio Magalhães» (p. 239-251) e discute a possibilidade de se considerar um novo subgênero literário português, i.e., a «literatura dos retornados». Sendo assim, a autora abre a questão do conceito de «retornado» e sublinha a questão da rejeição dos «retornados» a respeito do discurso de identidade em Portugal e da tentativa de rejeição ou reparação do estigma deste grupo de pessoas, pois elas nem sempre aceitam serem rotuladas de «opressores colonialistas». No capítulo seguinte, «(Des)identidades retornadas: da nostalgia à crítica do colonialismo suavezinho dos portugueses» (p. 253-269), Luciana Moreira Silva (Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra) trabalha também com obras do mesmo «subgênero» e, mais especificamente, a partir das obras de Manuel Acácio (*Balada do ultramar*, 2009) e Isabela Figueiredo (*Caderno de memórias coloniais*, 2010). A autora analisa o discurso, o imaginário e o posicionamento dos dois escritores relativamente ao retorno e à sua própria identificação com os «retornados». Enquanto no texto do escritor Manuel Acácio se aprecia um imaginário e uma atitude saudosista, Isabela Figueiredo denuncia com muita ironia o sistema colonial e o papel dos colonizadores brancos.

O livro encerra-se com a entrevista de Doris Wieser à escritora moçambicana Paulina Chiziane (p. 273-294), que abre um enorme espaço para pensar o colonialismo português e as suas consequências em Moçambique e em toda a África subsaariana. A entrevista toca a obra da escritora, as suas experiências pessoais com o sistema colonial, o racismo (tanto o dos brancos como o dos negros), a visão contemporânea dos moçambicanos sobre o passado colonial ou dos portugueses brancos que visitam o país, e o papel das mulheres moçambicanas e africanas tanto na África de hoje, quanto na África colonial. A entrevista é altamente recomendável para qualquer pessoa que estude a obra de Paulina Chiziane.

O volume é muito rico em termos de extensão temática, disciplinar e geográfica. Os próprios autores dos diferentes textos vêm de diversos países da Europa, da África e da América Latina e tocam assuntos que nem sempre podem ser considerados suficientemente conhecidos ou estudados. Sem dúvida, este volume é altamente recomendável para académicos e profissionais que atuem na área das disciplinas acima mencionadas e ajudará, significativamente, no alargamento de perspectivas de estudo.

Aleš Vrbata  
(Universidade Estadual de Feira de Santana)

